



# DEZ ANOS DE CONDIÇÕES DE TRABALHO NA UNIÃO EUROPEIA

Exposição a riscos físicos no local de trabalho, intensificação do trabalho e práticas de trabalho flexíveis continuam a representar uma das principais causas dos problemas de saúde dos trabalhadores na União Europeia. Em 2000, a população activa na União Europeia compreendia 159 milhões de pessoas, das quais 83% eram trabalhadores por conta de outrem e 17% trabalhadores independentes. A Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho realizou o seu terceiro inquérito europeu sobre condições de trabalho no decurso de 2000 (os dois outros inquéritos datam de 1990 e 1995). Ao todo foram entrevistados 21 500 trabalhadores nos 15 Estados-Membros — tanto trabalhadores por conta de outrem como trabalhadores independentes — sobre as suas condições de trabalho. O inquérito revela que não se verificaram melhorias significativas no que se refere aos factores de risco ou às condições gerais no local de trabalho nos dez anos subsequentes à realização do primeiro inquérito sobre condições de trabalho. O inquérito realizado em 2000 traça o panorama geral da situação das condições de trabalho na UE, apontando tendências e identificando questões e alterações importantes ao nível do local de trabalho.

## Principais resultados

- Os problemas de saúde mais comuns relacionados com o trabalho são:
  - dores lombares (referidas por 33% dos inquiridos);
  - *stress* (28%);
  - dores musculares no pescoço e nos ombros (23%);
  - cansaço geral (23%).
- Existe uma correlação directa entre os problemas de saúde e as condições de trabalho adversas como resultado, essencialmente, de ritmos de trabalho intensivos e de níveis elevados de trabalho repetitivo.
- Prevalece a exposição a factores de risco físicos (ruído, vibrações, substâncias perigosas, calor, frio, etc.) e a postos de trabalho inadequados (movimentação de cargas pesadas e posturas de trabalho penosas).
- O ritmo de trabalho é cada vez mais intenso: mais de 50% dos trabalhadores passam pelo menos um quarto do seu tempo de trabalho no desempenho de actividades a alta velocidade ou com prazos curtos e rígidos.
- No que se refere ao controlo dos trabalhadores sobre o seu trabalho não se registou um aumento significativo: um terço dos trabalhadores refere ter pouco ou nenhum controlo sobre o seu trabalho, ao passo que apenas três em cada cinco trabalhadores estão em condições de decidir em que altura tiram férias.
- A natureza do trabalho está em mudança: o trabalho depende menos da maquinaria e dos alvos a atingir na área da produção, sendo cada vez mais determinado pelos pedidos dos clientes.
- O número de pessoas que trabalham com computadores aumentou de 39%, em 1995, para 41%, em 2000.
- A flexibilidade alastrou a todos os aspectos do trabalho: horário de trabalho (trabalho «de sol a sol» e trabalho a tempo parcial); organização do trabalho (polivalência, trabalho de equipa e envolvimento e responsabilização); e estatuto do emprego (18% de todos os assalariados trabalham com contratos a prazo).
- Os trabalhadores temporários (pessoas com contratos a prazo e empregadas através de agências de emprego temporário) continuam a referir que se encontram mais expostos a factores de risco do que os trabalhadores permanentes.
- A segregação dos géneros e a discriminação entre homens e mulheres — ambas extremamente desfavoráveis para as mulheres — prevalecem.
- Violência, assédio e intimidação continuam a verificar-se no local de trabalho: entre 4% e 15% dos trabalhadores em diversos países referiram terem sido alvo de intimidações.

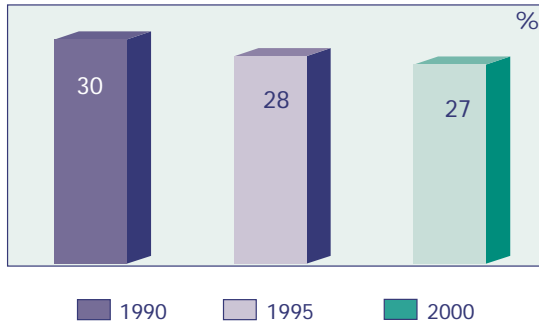


FUNDAÇÃO EUROPEIA  
*para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho*

## Saúde e trabalho

De um modo geral, nos últimos 10 anos tem-se vindo a constatar entre os trabalhadores uma melhoria da sua percepção quanto aos riscos para a sua saúde e segurança originados pelo trabalho que executam. Tal como a figura 1 indica, o número de trabalhadores que refere riscos de saúde em 2000 é inferior ao dos dois inquéritos anteriores.

Figura 1 — Trabalhadores que referem riscos de saúde e segurança no trabalho, 1990-2000



No entanto, uma percentagem cada vez maior de trabalhadores queixa-se de problemas de saúde relacionados com o trabalho (ver figura 2). Continuam a aumentar as perturbações músculo-esqueléticas (dores lombares e musculares, em particular no pescoço e nos ombros), bem como o cansaço geral, ao passo que o *stress* se mantém ao mesmo nível (28%) em 1995 e 2000. Existem fortes correlações entre o *stress* e as perturbações músculo-esqueléticas e as características da organização do trabalho, tais como o trabalho repetitivo e a cadência do trabalho (ver quadro 1).

A figura 3 indica o nível de pressões de trabalho sentidas pelos trabalhadores, revelando que mais de um terço da totalidade dos trabalhadores (42%) e mais de metade dos trabalhadores em determinados empregos consideram que não seriam capazes ou não pretendem permanecer no mesmo emprego até aos 60 anos. Esta questão poderia ser considerada um indicador da «sustentabilidade do emprego».

Figura 2 — Problemas de saúde relacionados com o trabalho, em 1995 e 2000

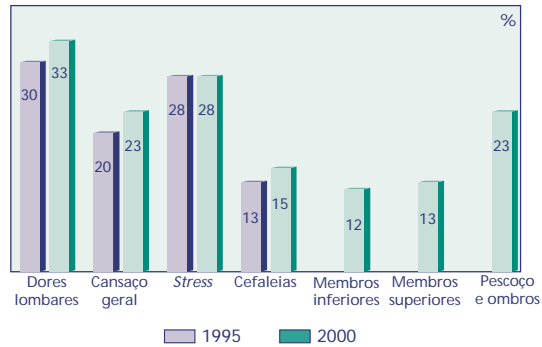
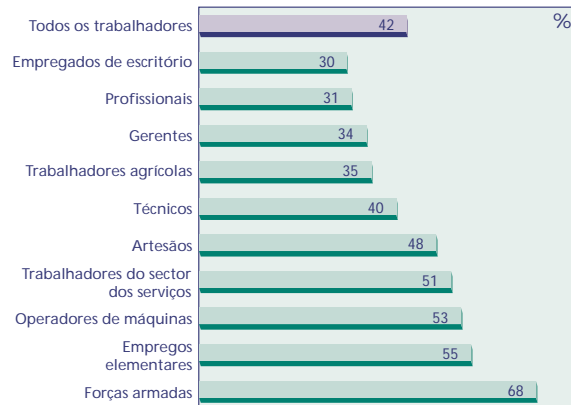


Figura 3 — Trabalhadores que consideram não ser capazes ou que não pretendem permanecer no mesmo emprego até aos 60 anos, por actividade



Refira-se, neste contexto, que os trabalhadores manuais, o pessoal das forças armadas e os trabalhadores do sector dos serviços/vendas têm os empregos menos sustentáveis.

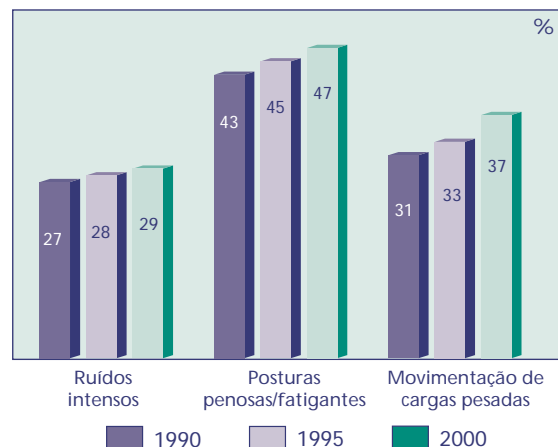
## Exposição a riscos físicos

Entre 1990 e 2000 não se verificou qualquer melhoria ao nível dos riscos clássicos no local de trabalho, tais como ruído, vibrações, inalação de fumos e substâncias perigosas, temperaturas elevadas e baixas, movimentação de cargas pesadas e posturas de trabalho penosas ou fatigantes. A figura 4 mostra que se mantém elevada a percentagem de trabalhadores expostos a algumas destas condições pelo menos durante 25% do tempo de trabalho.

Segundo o inquérito de 2000, tal como nos inquéritos anteriores, os trabalhadores do sexo masculino encontram-se mais expostos a todos estes factores do que os do sexo feminino, excepto no que se refere a posturas penosas e fatigantes, caso em que ambos os sexos estão igualmente em risco.

Os trabalhadores não permanentes, nomeadamente as pessoas contratadas através de agências de emprego temporário e os assalariados com contratos a prazo, estão

Figura 4 — Exposição a riscos físicos, 1990-2000



mais expostos a influências tais como movimentação de cargas pesadas e posturas penosas do que os assalariados com contratos por tempo indeterminado (ver figura 12).

## Trabalho repetitivo

O trabalho repetitivo continua a ser frequente no local de trabalho. Enquanto que, em 1995, 33% dos trabalhadores haviam referido que executavam continuamente movimentos repetitivos, verifica-se, em 2000, um ligeiro decréscimo para 31%. A percentagem de trabalhadores do sexo masculino e feminino que afirmam executar movimentos repetitivos é idêntica.

A pergunta relativa às tarefas repetitivas foi alterada em 2000, sendo, portanto, difícil proceder a uma avaliação das tendências. Em 2000, quase um terço dos trabalhadores (32%) afirma executar tarefas repetitivas com uma duração máxima de 10 minutos, ao passo que 22% referem executar tarefas com uma duração máxima de 1 minuto.

Tal como indica o quadro 1, os trabalhadores que executam tarefas repetitivas estão mais sujeitos a sofrerem de perturbações músculo-esqueléticas.

Quadro 1 — Problemas de saúde relacionados com a execução de movimentos repetitivos da mão/do braço, em 2000

%	Dor lombar	Dor muscular no pescoço e nos ombros	Dor muscular nos membros superiores	Dor muscular nos membros inferiores
Trabalhadores que executam movimentos repetitivos	48	37	24	21
Trabalhadores que não executam movimentos repetitivos	19	11	4	5
Todos os trabalhadores	33	23	13	11

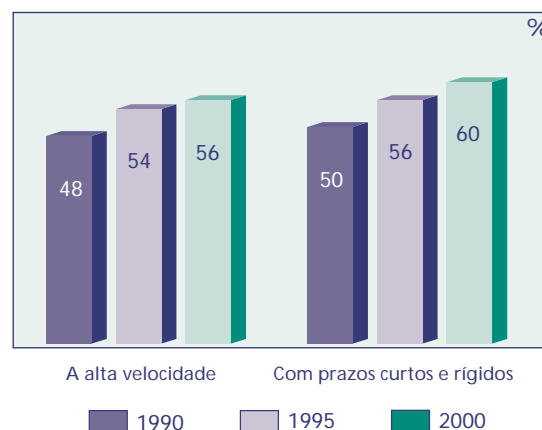
## Intensidade do trabalho

A intensidade do trabalho aumentou durante a última década, mais acentuadamente entre 1990 e 1995 do que entre 1995 e 2000.

Em 2000, mais de metade da totalidade dos trabalhadores declara passar pelo menos um quarto do seu tempo de trabalho no desempenho de actividades a alta velocidade ou com prazos curtos e rígidos, tal como indica a figura 5. É significativo o facto de mais do que dois em cada cinco trabalhadores afirmarem não disporem de tempo suficiente para realizar o seu trabalho.

Existe uma forte correlação entre a intensidade do trabalho e os problemas de saúde e os acidentes no local de trabalho, tal como apresentado nos quadros 2 e 3.

Figura 5 — Trabalho realizado a velocidade muito elevada ou com prazos curtos e rígidos, 1990-2000



Quadro 2 — Problemas de saúde relacionados com trabalho realizado a velocidade muito elevada, em 2000

%	Dores dorsais	Stress	Dores musculares no pescoço e nos ombros	Lesões
Trabalho contínuo a alta velocidade	46	40	35	11
Sem nunca trabalhar a alta velocidade	25	21	15	5

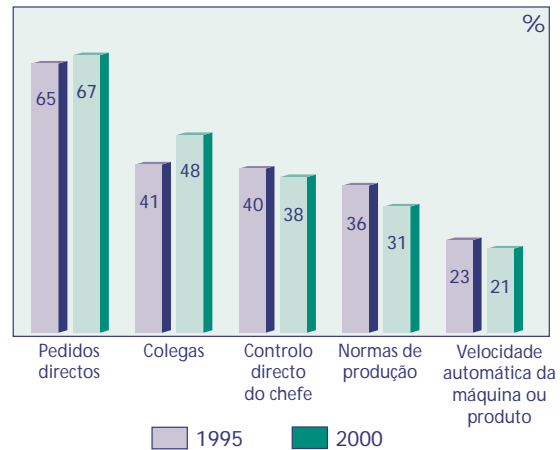
Quadro 3 — Problemas de saúde relacionados com prazos curtos e rígidos, em 2000

%	Dores lombares	Stress	Dores musculares no pescoço e nos ombros	Lesões
Trabalho contínuo com prazos curtos e rígidos	42	40	31	10
Sem nunca trabalhar com prazos curtos e rígidos	27	20	17	5

## Cadência do trabalho

Entre 1995 e 2000 a cadência do trabalho foi sendo cada vez mais ditada por exigências humanas (pedidos de pessoas externas, tais como clientes, passageiros, utilizadores, pacientes, etc.) e pelo trabalho efectuado por colegas. Ao mesmo tempo, os constrangimentos industriais, tais como os alvos a atingir na área da produção e a velocidade automática de uma máquina, e os constrangimentos burocráticos, tais como o controlo directo do chefe, tornaram-se menos importantes, tal como apresenta a figura 6.

Figura 6 — Factores que influenciam a cadência do trabalho, em 1995 e 2000



## Autonomia dos trabalhadores

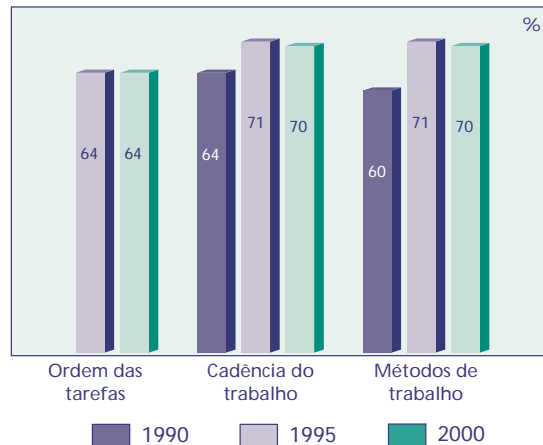
Tal como a figura 7 ilustra, houve um aumento significativo no controlo dos trabalhadores sobre a cadência do seu trabalho entre 1990 e 1995 (de 64% para 71%), enquanto que não se registaram mais melhorias no período até 2000. De modo semelhante, constata-se um grande aumento no controlo sobre os métodos de trabalho para o período anterior e quase nenhuma melhoria no período seguinte. Em 1995 e 2000, foi idêntica a percentagem de trabalhadores — dois terços — capazes de influir na ordem das tarefas que lhes incumbiam.

Por detrás destes valores médios existem, por vezes, grandes disparidades, nomeadamente a nível das profissões e dos sectores. Em determinados grupos de trabalhadores, tais como operários de fábricas e operadores de máquinas, bem como trabalhadores do sector das vendas e dos serviços, observou-se uma redução acentuada no controlo sobre o trabalho que executam. Ao nível sectorial, os trabalhadores dos transportes e das comunicações são afectados de modo semelhante.

No ano de 2000, quase dois em cada cinco trabalhadores (44%) não tinham a possibilidade de decidir a altura de gozar férias. Esta percentagem diminuiu ligeiramente quando comparada com o ano de 1995 (43%).

Dois em cada cinco trabalhadores (44%) podem influir no seu tempo de trabalho, não sendo surpreendente que os

Figura 7 — Autonomia dos trabalhadores, 1990-2000



trabalhadores independentes (84%) exerçam um maior controlo do que os assalariados (36%). Os homens têm mais influência do que as mulheres sobre o seu tempo de trabalho: as percentagens são 47% e 41%, respectivamente. Os assalariados com contratos por tempo indeterminado exercem uma maior influência do que os trabalhadores com contratos a prazo ou contratados através de agências de emprego temporário. Os grupos profissionais com um elevado nível de qualificações exercem um maior controlo sobre o seu tempo de trabalho.

## Trabalho com computadores

A percentagem de pessoas que trabalham, pelo menos durante algum tempo, com computadores aumentou de 39%, em 1995, para 41%, em 2000. Este aumento é mais acentuado entre os trabalhadores independentes, embora o grau de utilização de computadores neste grupo não seja tão elevado como entre os assalariados (33% em comparação com 43%).

O teletrabalho a tempo inteiro ou em regime quase a tempo inteiro é referido por pouco mais de um por cento do total da população. Este tipo de trabalho é mais comum entre as categorias profissionais com um nível mais elevado de qualificações e nos sectores dos serviços financeiros e imobiliário.

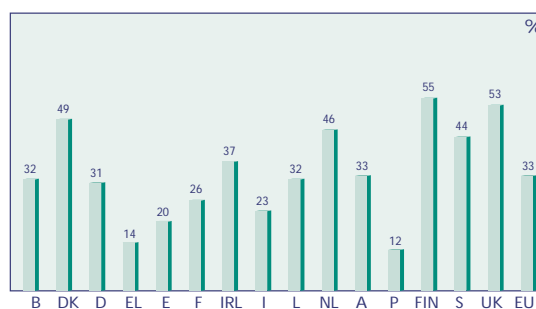
## Qualificações e formação profissional

Em 2000, uma percentagem ligeiramente maior de assalariados (33%) indicou ter recebido formação financiada ou ministrada pela entidade patronal nos 12 meses antecedentes ao inquérito, relativamente a 1995 (32%). Em termos de possibilidades de formação, verifica-se, com agrado, que as pessoas contratadas através de agências de emprego temporário estão-se a aproximar dos níveis registados entre os trabalhadores permanentes.

Tal como a figura 8 ilustra, as tendências diferem de um Estado-Membro para o outro. No entanto, uma vez que se desconhece a natureza precisa da formação ministrada, há que ser prudente ao extrair conclusões baseadas em comparações entre países.

Em 2000, registou-se um pequeno aumento no número de trabalhadores (8%) que consideram que o seu trabalho lhes exige demasiado em termos de qualificações, comparando com 1995 (7%). Em 1995 e 2000, a mesma percentagem

Figura 8 — Assalariados que beneficiaram de formação nos 12 meses antecedentes ao inquérito

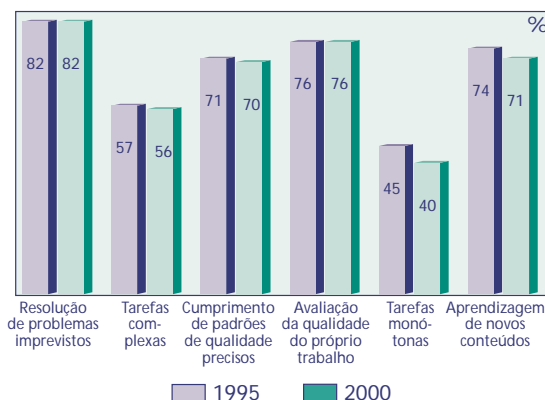


(11%) foi de opinião que lhes era exigido demasiado pouco. Uma percentagem igualmente elevada de trabalhadores em ambos os anos (89%) declarou que obtinha ajuda de colegas em caso de necessidade.

## Conteúdo do trabalho

De um modo geral, como ilustra a figura 9, os factores ligados ao conteúdo do trabalho respeitantes ao tipo de tarefas executadas pelos trabalhadores (resolução de problemas, execução de tarefas complexas e cumprimento de padrões de qualidade) mantêm-se estáveis no período compreendido entre 1995 e 2000. Neste período, registou-se uma descida acentuada no trabalho monótono (de 45% para 40%), acompanhada pelo facto de as oportunidades de aprendizagem terem também sofrido uma baixa.

Figura 9 — Conteúdo do trabalho, em 1995 e 2000



## Tempo de trabalho

### Horas de trabalho

A média de horas de trabalho semanais esconde grandes diferenças entre os diversos grupos de inquiridos. Enquanto que esta média é de aproximadamente 38 horas, os trabalhadores independentes indicam trabalhar 46 horas por semana e os assalariados cerca de 36,5 horas. Tal como indica o quadro 4, muitos dos inquiridos trabalham menos de 30 horas por semana, ao passo que uma elevada percentagem trabalha 45 horas ou mais por semana. Entre os trabalhadores independentes é, evidentemente, comum trabalhar-se mais horas.

### Trabalho a tempo parcial

17% de todos os inquiridos declaram que trabalham a tempo parcial, embora se deva indicar que a definição de tempo parcial varia de Estado-Membro para Estado-Membro. Existem mais mulheres do que homens a trabalhar a tempo parcial (32% contra 6%), sendo esta forma de trabalho mais

frequente nalguns países, nomeadamente nos Países Baixos e no Reino Unido. Quando questionados sobre as suas preferências de trabalho, 23% dos trabalhadores a tempo parcial referiram que prefeririam trabalhar mais horas, ao passo que 9% gostariam de trabalhar menos horas.

### Trajeto entre o domicílio e o local de trabalho

À luz das evoluções verificadas no campo do trabalho a tempo parcial, é interessante acompanhar de perto as tendências no que respeita ao trajeto entre o domicílio e o local de trabalho. Em 2000, o tempo passado diariamente nos trajetos (ida e volta) entre o domicílio e o local de trabalho foi, em média, de 38 minutos. No entanto, existem grandes diferenças tanto entre os grupos inquiridos (18% dos inquiridos referem que despendem mais de 60 minutos nestes trajetos) como entre os países. Nos Países Baixos, os trabalhadores despendem a maior quantidade de tempo nos trajetos entre o domicílio e o local de trabalho, ou seja, 46,5 minutos.

Quadro 4 — Média de horas de trabalho semanais, em 1995 e 2000

%	1995	2000
Menos de 30 horas por semana	15	17
Mais de 45 horas por semana	16	14
Tempo parcial (espontâneo)	—	18

#### Trabalho «de sol a sol»

Os resultados do inquérito realizado em 2000 são coerentes com os de 1995. Prevalence o trabalho «de sol a sol», sendo que mais de um em cada dois trabalhadores trabalha pelo menos um sábado por mês e um em cada quatro trabalha um domingo por mês. O trabalho por turnos constitui a norma para 20% dos trabalhadores, enquanto que 19% referem que trabalham pelo menos uma noite por mês.

#### Regimes de horário de trabalho flexível

Para além de se verificar uma distribuição das horas de trabalho por todos os dias da semana e todas as horas do dia, existem também regimes flexíveis ao nível dos horários de trabalho: 24% dos trabalhadores declaram ter horários semanais de trabalho flutuantes e 41% indicam estar sujeitos a horários que variam de dia para dia.

Quase um quinto da totalidade dos trabalhadores (19%) considera que os horários de trabalho flexíveis não se coadunam com as suas obrigações familiares e sociais.

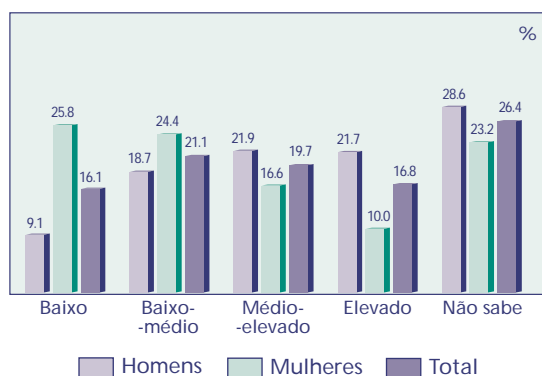
### Diferenças consoante o sexo

Continua a prevalecer a segregação dos géneros no local de trabalho. Este facto é evidente não só ao nível da estrutura profissional, em que os homens e as mulheres não têm os mesmos empregos (os homens estão mais representados nas posições ligadas a actividades administrativas, de vendas, profissionais e de gestão), mas também ao nível dos próprios empregos, em que os homens geralmente ocupam mais posições nos quadros superiores.

As disparidades entre os sexos são também óbvias se forem tidos em consideração os níveis salariais dentro das mesmas categorias profissionais, sendo este facto uma consequência directa da segregação profissional.

Por fim, a dupla carga de trabalho continua a ser algo muito característico das mulheres trabalhadoras, tal como indica o quadro 5, no qual se demonstra que as mulheres desempenham um papel mais activo nos trabalhos domésticos e no cuidado das crianças.

Figura 10 — Níveis salariais, por género



Quadro 5 — Quem faz o quê em casa?

% dos inquiridos que despendem no mínimo uma hora por dia a	Mulheres	Homens
Cuidar dos filhos e educá-los	41	24
Cozinhar	64	13
Tratar da casa	63	12

## Trabalhadores temporários

O trabalho temporário continua a ser uma forte característica do mercado do trabalho. Em 2000, 10% dos assalariados tinham um contrato a prazo e 2% tinham sido contratados por agências de trabalho temporário. Tal como indica a figura 11, apenas metade dos assalariados que trabalham há menos de um ano na empresa tem contratos por tempo indeterminado. O inquérito de 1995 provou que existe uma ligação directa entre o trabalho temporário e condições de trabalho deficientes. O inquérito de 2000 revela a mesma correlação: as figuras 12 e 13 ilustram que os trabalhadores temporários estão mais expostos a riscos físicos e sujeitos a ritmos de trabalho mais intensivos e a uma maior cadência do trabalho do que os trabalhadores permanentes.

Figura 11 — Estatuto do emprego dos assalariados que ainda não completaram um ano de serviço na empresa (%)

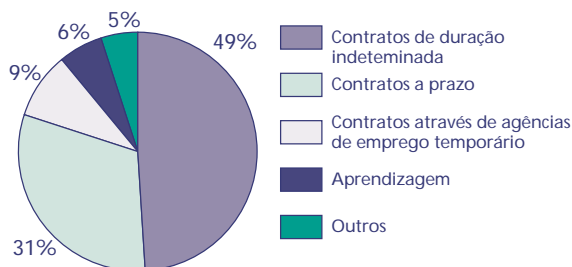


Figura 12 — Exposição a riscos físicos, segundo o tipo de contrato

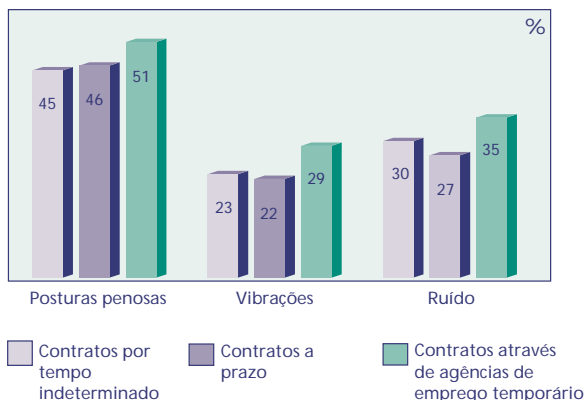
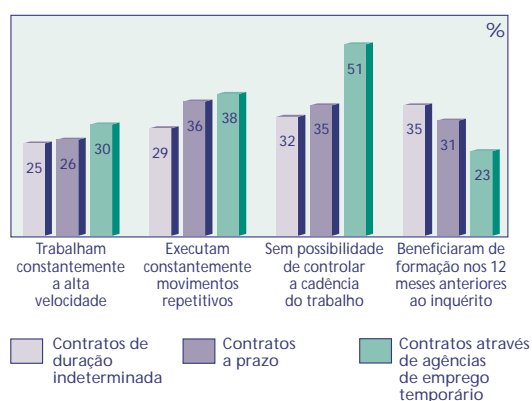


Figura 13 — Intensidade e cadência do trabalho, segundo o tipo de contrato



## Violência e assédio no local de trabalho

Tal como revela a figura 14, a violência e o assédio persistem no local de trabalho. Existe uma grande disparidade entre os níveis referidos nos vários países (situando-se entre 4% e 15% no caso de intimidação). Tal pode dever-se a atitudes diferentes relativamente a estas questões nos diversos países e ao facto de estas constituírem ou não objecto de debate público. Não há dúvida de que estas situações não são denunciadas em alguns países.

Figura 15 — Trabalhadores alvo de intimidações, por país

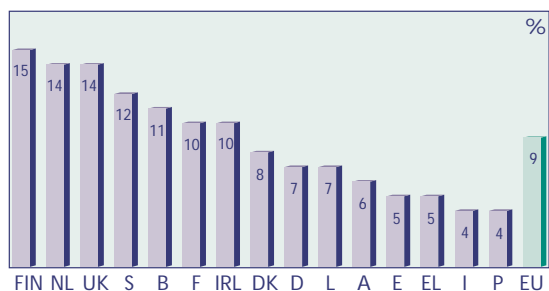
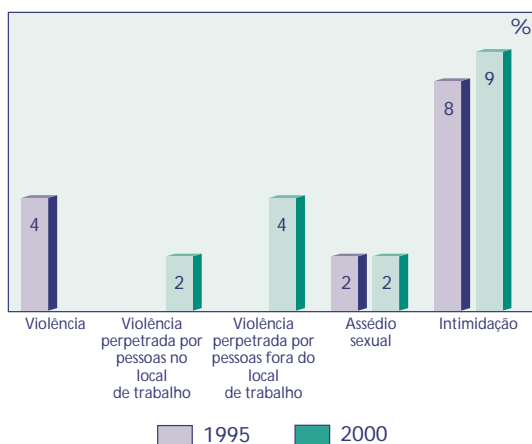


Figura 14 — Violência e assédio no local de trabalho, em 1995 e 2000



## OS INQUÉRITOS EUROPEUS SOBRE CONDIÇÕES DE TRABALHO

De cinco em cinco anos, a Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho realiza um inquérito a nível europeu sobre as condições de trabalho. O primeiro inquérito foi realizado em 1990, o segundo em 1995 e o terceiro em 2000.

Estes inquéritos têm como objectivo fornecer uma visão geral da situação das condições de trabalho na UE, identificando questões relevantes e alterações que se repercutem no local de trabalho. O objectivo geral é contribuir para um melhor acompanhamento da qualidade do trabalho e do emprego na União Europeia.

O inquérito de 2000 envolveu um total de 21 500 trabalhadores, os quais foram entrevistados face a face fora do local de trabalho. Entrevistaram-se cerca de 1 500 trabalhadores em cada Estado-Membro, à excepção do Luxemburgo, onde foram entrevistadas 527 pessoas. O inquérito realizou-se simultaneamente em agregados familiares nos 15 Estados-Membros, tendo o entrevistador escolhido ao acaso uma pessoa em cada agregado familiar (a pessoa com mais de 15 anos e menos de 65 que fosse a próxima a completar mais um ano de vida). O Inquérito sobre a Força de Trabalho realizado em 1997 pelo Eurostat serviu de base à amostragem. O questionário abrangeu todos os aspectos das condições de trabalho: factores de trabalho físicos, organizacionais, psicossociais e sociais, padrões de tempo e horas de trabalho, bem como problemas de saúde relacionados com o trabalho.

A presente brochura contém um resumo do relatório completo do inquérito a ser publicado em inglês, francês e alemão. O relatório poderá ser descarregado do sítio web da Fundação na Internet ([www.eurofound.ie](http://www.eurofound.ie)), encontrando-se também disponível em suporte papel. A versão impressa pode ser obtida junto do Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias, L-2985 Luxemburgo (<http://eur-op.eu.int/>). Informações acerca dos inquéritos sobre as condições de trabalho, bem como todas as versões linguísticas da presente brochura, encontram-se disponíveis no sítio web da Fundação atrás referido.

Como reflexo da sua estrutura tripartida, a Fundação envolveu representantes das organizações sindicais e patronais e dos governos dos 15 Estados-Membros, bem como da Comissão Europeia (em especial funcionários do Eurostat), na concepção do inquérito.

*O presente documento foi redigido por Damien Merllié, Maison des Sciences de l'Homme, Paris, e Pascal Paoli, Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho, Dublin.*

### PARA MAIS INFORMAÇÕES

Informações acerca dos inquéritos sobre condições de trabalho realizados pela Fundação encontram-se disponíveis no sítio web da Fundação, cujo endereço é o seguinte: [www.eurofound.ie/working/surveys.htm](http://www.eurofound.ie/working/surveys.htm).

Para obtenção de informações detalhadas sobre este assunto, queira contactar:

Dimitrios Politis

Centro de Informação da Fundação

Tel.: (353-1) 204 31 40 Fax: (353-1) 282 64 56 E-mail: [dmp@eurofound.ie](mailto:dmp@eurofound.ie)

*Copyright:* Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho. Reprodução autorizada, excepto para fins comerciais, desde que a fonte seja mencionada e uma cópia enviada para a Fundação.

European Foundation for the Improvement of Living and Working Conditions

Wyattville Road, Loughlinstown, Dublin 18, Ireland

**Tel.:** (353-1) 204 31 00

**Fax:** (353-1) 282 64 56/282 42 09

**E-mail:** [postmaster@eurofound.ie](mailto:postmaster@eurofound.ie)

EF/00/128/PT



SERVIÇO DAS PUBLICAÇÕES OFICIAIS  
DAS COMUNIDADES EUROPEIAS

L-2985 Luxembourg

ISBN 92-897-0096-3



9 789289 700962